

UMA ANÁLISE PRELIMINAR DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE LATIM DE USO CORRENTE

Hilaine GREGIS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Unilasalle

Resumo: O fato de o latim ter deixado muitas marcas em numerosas línguas vernáculas é uma das justificas mais plausíveis para a revitalização dos seus estudos nas últimas décadas. Para tanto, a análise de materiais didáticos existentes, bem como a elaboração de novos materiais eficientes, se fazem necessárias. Neste artigo, realiza-se uma breve análise da macroestrutura de um dicionário latino de uso corrente (o LatPortBas, de 2004), com o intuito de se verificar sua adequação a dois livros didáticos bastante utilizados no processo de ensino-aprendizagem de latim por estudantes acadêmicos em fase inicial de aquisição da língua.

Palavras-chave: Latim; Lexicografia; Ensino de Línguas

PRELIMINARY ANALYSIS OF ONE DIDACTIC MATERIALS OF LATIN IN CURRENT USE

Abstract: The fact that Latin has left deep marks in several vernacular languages is one of the most plausible justifications for the revitalization of studies about it in the last decades. For this purpose, it is more than justifiable the analysis of existing didactic materials as well as the elaboration of new and more efficient materials are needed/necessary. In this article, a brief analysis of the macrostructure of a Latin dictionary in current use (o LatPortBas, de 2004) is carried out; the goal is to check its adequacy to two textbooks widely used in the teaching-learning process of Latin for college students at the initial stage of language acquisition.

Keywords: Latin; Lexicography; Language Teaching

EL ANÁLISIS PRELIMINAR DE MATERIALES DIDÁCTICOS DE LATÍN EN EL USO ACTUAL

Resumen: El hecho de que el latín ha dejado muchas marcas en numerosas lenguas vernáculas se convierte en una de las más plausibles justificativas para la revitalización de sus estudios en

las últimas décadas. Así, se hace necesario un análisis de los materiales didácticos existentes y también el desarrollo de nuevos y eficientes instrumentos de aprendizaje. Por lo tanto, en este artículo se presenta un breve análisis de la macro estructura de un diccionario latino de uso actual (o LatPortBas, de 2004), con el fin de verificar su adecuación en dos libros didácticos muy utilizados en el proceso de enseñanza-aprendizaje del latín por estudiantes académicos en nivel inicial de adquisición del lenguaje.

Palabras clave: Latín; Lexicografía; Enseñanza de Lenguas.

INTRODUÇÃO

O latim, considerado por muitos uma “língua morta” – devido ao fato de não mais haver falantes que o adquiriram como língua materna –, é na verdade uma língua viva do passado, visto que deixou marcas em diversas línguas vernáculas. Essa é talvez a principal razão para o seu estudo (sobretudo na esfera acadêmica) ainda nos dias de hoje.

A revitalização do latim como “língua viva”, bem como a sua presença em diferentes áreas do conhecimento, tornam necessária a elaboração de materiais didáticos que favoreçam seu estudo. Para tanto, uma análise inicial dos materiais de uso corrente por professores de latim se faz necessária.

Uma breve verificação de um dos dicionários latinos de maior circulação no meio acadêmico (o LatEsc, de 1992) indicou a presença excessiva de substantivos próprios, sendo a maioria totalmente dispensável para as atividades de leitura e tradução de um estudante em fase inicial de aprendizagem da língua. O intervalo lemático a seguir deixa claro esse apontamento:

Aegitini, -orum. Subs. m. Egetinos, habitantes de uma cidade da costa da Calábria (Plín. H. Nat. 3, 105)

Aegeum mare, v. Aegeus.

Aegeus (dissílabo), -ei, subs. pr. m. Egeu, rei de Atenas, pai de Teseu (Ov. Her. 10, 131). Obs.: Acus.: **Aegea** (Ov. Met, 15, 856).

Aegiale, -es e Aegialea (ou **lia**), -ae, subs. pr. f. Egiáléa, mulher de Diomedes (Estác. S. 3, 5, 48).

Aegialeus, -ei, subs. pr. m. Egialeu, filho de Eeta, irmão de Medeia, também chamado Absirto (Pacúv. apud Cíc. Nat. 3, 48).

Aegides, -ae, subs. m. Filho ou descendente de Egeu (Ov. Met. 8, 174).

Aegienses, -ium. Subs. m. Egienses, habitantes de Égio (T. Lív. 38, 30, 1).

Aegila (Aegilia), -ae, subs. pr. f. Égila, ilha do mar Egeu (Plín. H. Nat. 4, 57).

Aegimurus (Aegimoros), -i, subs. pr. f. Egímore, ilha perto de Cartago (T. Lív. 30, 24, 9).

Aegina, -ae, subs. pr. f. Egina 1) Filha de Asopo (Ov. Her. 3, 75). 2) Ilha montanhosa da Grécia (Cíc. Of. 3, 46).

Aeginenses, -ium, subs. m. ou **Aeginetae, -arum**, subs. loc. m. Eginetas, habitantes de Egina (Cíc. Of. 3, 46).

Aeginium, -i, subs. pr. n. Egíno, cidade da Macedônia (Cés. B. Civ. 3, 79, 7).

Aegion (Aegium), -i, subs. pr. n. Égio, cidade da Acaia. (T. Lív. 38, 29, 3).

Aegira, -ae, subs. f. Egira. 1) Cidade da Acaia (Plín. H. Nat. 4, 12). 2) Antigo nome de Lesbos (Plín. H. Nat. 5, 139).

aegis, -idis (-idos), subs. f. I – Sent. próprio: égide. 1) escudo de Minerva, com a cabeça de Medusa (Verg. Em. 8, 435). 2) Escudo de Júpiter (Verg. En. 8, 354). II – Sent. figurado: 3) Escudo, defesa, égide (Ov. Rem. 346).

Aegisos, -i, subs. pr. f. Egiso, cidade da Cítia (Ov. P. 1, 8, 13).

Aegisthus, -i, subs. pr. m. Egisto, filho de Tieste, morto por Orestes (Cíc. Nat. 3, 91).

Aegium, v. Aegion.

Aegius, -a, -um, adj. De Égio (Plín. H. Nat. 14, 42).

Aegle, -es, subs. pr. f. 1) Egle, uma das náíades (Verg. Buc. 3, 2).

Aegos flumen, subs. pr. n. Nome de um rio (Egos) e de uma cidade do Quersoneso da Trácia (C. Nep. Lys. 1, 4).

aegre, adv. De modo aflitivo, com dificuldade, penosamente, de má vontade (Cés. B. Civ. 3, 63, 8).

aegreo, -es, -ere, v. intr. Estar doente (Lucr. 3, 106).

aegresco, -is, -ere, v. intr. Incoat. I. – Sent. Próprio: 1) Adoecer (Lucr. 5, 349). II – Sent. figurado: 2) Adoecer, sofrer (tratando-se da alma) (Lucr. 3, 521). 3) Piorar, enfadar-se, irritar-se, afligir-se (Verg. Em. 12, 46).

aegrímonia, -ae, subs. f. Sofrimento (moral, principalmente), desgosto (Cíc. At. 31, 38, 2).

Aegritomarus, -i, subs. pr. m. Egritomaro, nome de homem (Cíc. Verr. 2, 118).

Dos 26 lemas listados no intervalo acima, verifica-se que 21 são relativos a nomes próprios extraídos da literatura latina; ademais, é provável que nenhum deles seja encontrado em textos didáticos para iniciantes. Considerando-se esse pequeno recorte, podemos dizer que apenas 20% das palavras desse intervalo poderiam ter alguma utilidade para o estudante.

A partir dessa constatação, efetuamos um levantamento, na íntegra, dos nomes próprios presentes em outro dicionário de latim de uso corrente (o LatPortBas, de 2004) a fim de verificar a adequação desta obra com dois livros didáticos de latim para iniciantes – o *Gradus Primus* (Rónai, 1954) e o *Latina essentia: preparação ao latim* (Rezende, 1994). Considerando-se que várias décadas se passaram entre a elaboração de um dicionário (o LatEsc foi publicado pela primeira vez em 1955 e desde lá não houve uma edição revista e ampliada) e de outro (o LatPortBas teve sua quinta edição revista e ampliada em 2002), esperava-se que este último fosse mais adequado ao público iniciante, não apenas pela sua extensão, mas sobretudo pela sua contemporaneidade.

O objetivo deste estudo é, pois, analisar alguns materiais didáticos de latim a fim de começar, de forma incipiente, a delinear a macroestrutura de um dicionário passivo para iniciantes a ser elaborado nos próximos anos, durante o doutorado. Esse levantamento faz parte dos objetivos específicos do projeto de tese, apresentado em novembro de 2013 como um dos requisitos para seleção ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Levando-se em consideração os princípios metalexigráficos de discriminação entre dicionário ativo e passivo, de acordo com Bugueño (2010), costuma-se afirmar que o dicionário passivo – ao contrário do primeiro – é macroestruturalmente amplo e microestruturalmente sucinto. Nesse sentido, a elaboração de um dicionário latim-português que apresente equivalentes acessíveis e claros ao consulente terá de dar conta, inevitavelmente, da ampliação da microestrutura, com a substituição de segmentos informativos de difícil compreensão e o acréscimo de exemplos extraídos de materiais didáticos aos quais o usuário tenha acesso. Sobre a extensão da macroestrutura, por sua vez, há que se considerar não apenas uma simples adequação do número de lemas, mas também a qualidade do vocabulário, que deve ser útil ao aprendiz.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 A LEXICOGRAFIA

Teoricamente, a Lexicografia é definida como sendo a ciência responsável por estudar aspectos relativos ao modo como se organizam e se elaboram os dicionários. No plano aplicado, a Lexicografia é, segundo a concepção clássica, a arte e a técnica de elaborar dicionários. O termo lexicografia pode se referir ainda ao conjunto dos dicionários de um determinado idioma: a lexicografia alemã, a lexicografia espanhola, a lexicografia portuguesa etc. Porém, a despeito dos postulados teóricos e metodológicos dessa área de pesquisa, muitas vezes, a elaboração de um dicionário acaba sendo uma atividade de compilação do léxico de uma ou várias línguas sem critérios científicos. Por isso, a Lexicografia se mostra fundamental como respaldo para a elaboração adequada e eficiente desse tipo de material didático, considerado não somente um instrumento de consulta utilizado para esclarecer significados de unidades lexicais ou ainda para responder a questionamentos de ordem formal, mas também, de acordo com Bugueño (2005), “uma autoridade prescritiva” (p. 18). Esse *status* inclusive pode levar equivocadamente a crer que aquilo que não está registrado não corresponderia à língua correta e por isso não mereceria ser levado em consideração.

1.1.1 LEXICOGRAFIA BILÍNGUE

No que diz respeito à Lexicografia Bilíngue, segundo Damim e Bugueño (2005, p. 2-4), a concepção de um dicionário bilíngue depende primordialmente do recorte do público-alvo que se pretende atingir e da função que se pretende cumprir. Para a elaboração de uma obra que seja realmente útil ao consulente (Kromann et AL., 1991), é fundamental atender a esses parâmetros organizacionais preconizados pela lexicografia bilíngue. Também de acordo com Haensch (1982, p. 397), o tipo de informação exposto em um dicionário bilíngue deve sempre considerar o perfil do usuário. Isso se deve ao fato de que um único dicionário bilíngue não consegue atender de modo satisfatório as necessidades de grupos distintos de usuários da mesma língua (estudantes de ensino médio, professores, tradutores), tendo em vista os diferentes níveis de proficiência linguística na língua em questão.

1.1.2 DICIONÁRIO ATIVO “VERSUS” DICIONÁRIO PASSIVO

Segundo Kroman et al. (1991), a constituição de um dicionário bilíngue deve considerar: 1) que o usuário é competente na sua língua materna, ou seja, ele conhece o significado e o uso do vocabulário da sua própria língua e 2) que a tradução pode ser feita em duas direções distintas – da língua materna para a língua estrangeira ou da língua estrangeira para a língua materna. Tais considerações fundamentam a discriminação entre *dicionário passivo* e *dicionário ativo*. Os ‘dicionários bilíngues ativos’ (L1→L2), cuja função é auxiliar a produção de textos, e os ‘dicionários bilíngues passivos’ (L2→L1), que são recomendados para as tarefas de compreensão e recepção de textos, não podem ser elaborados a partir dos mesmos parâmetros. Em um dicionário ativo, a macroestrutura não precisa ser excessivamente ampla, visto que a extensão do léxico utilizado na produção oral e escrita, seja dos falantes nativos, seja dos aprendizes de uma L2, é menor do que o léxico envolvido na compreensão de textos. Por outro lado, a microestrutura deve ser detalhada, de modo a permitir que o consulente produza textos na L2 de maneira apropriada.

Em um dicionário passivo, a macroestrutura deve ser densa (Bugueño, 2010, p. 77), ou seja, a lista de lemas oferecida deve ser suficiente para que o usuário consiga compreender, sem maiores dificuldades, os textos com os quais lida. Ainda assim, há que se considerar o que realmente é útil para o usuário (por exemplo, no caso específico dos nomes próprios).

Sucintamente, no que concerne à microestrutura, é possível afirmar que o volume de informações normalmente é menor do que aquele apresentado em um dicionário ativo. O conjunto de equivalentes fornecido, no entanto, deve ser suficientemente amplo para permitir a compreensão de determinado item em contextos distintos, considerando toda sua gama semântica. (p. 79) Todavia, no caso da língua latina, o volume de informações constantes na microestrutura do dicionário deve ser maior do que em geral se verifica em outros dicionários bilíngues, tendo em vista as particularidades da língua.

Além disso, segundo Bugueño (2010, p. 65), há três constantes elementares da linguagem que devem ser consideradas na elaboração de um dicionário bilíngue: o anisomorfismo linguístico, os *realia* e a distinção entre significado, significação e sentido. No caso do Latim, as duas primeiras constantes são particularmente muito significativas. Dizer que as línguas são anisomórficas significa reconhecer que cada uma apresenta uma organização única em todos os seus níveis de estruturação, seja fonético-fonológico, léxico ou morfossintático. Assim, todo dicionário bilíngue deve constituir um “esforço compensatório” de uma língua em relação à outra (p. 71). Por isso, de acordo com o autor, é completamente utópica a noção de que a microestrutura de um dicionário pode resumir-se à exposição de equivalências léxicas sem outros tipos de informações complementares. Um bom exemplo, no caso do Latim, é o dos verbos depoentes, que apresentam uma estrutura diferenciada em relação aos verbos ativos (*nascor, irascor, mentior* etc. – respectivamente, “nascer”, “irar-se”, “mentir”) e os substantivos neutros no plural (*verba, copia, bella*) que, por serem morfologicamente idênticos aos substantivos femininos singulares de primeira declinação, dificultam a tradução, confundindo-se, certas vezes, com palavras homógrafas de significado completamente distinto.

Os *realia*, por sua vez, designam os termos de uma língua estrangeira que se referem a uma realidade particular a uma determinada cultura; conforme Bugueño (op. cit. p. 67) são manifestações extremas e absolutamente particulares da forma de organizar a realidade que uma língua possui. De acordo com o autor, a redação de verbetes correspondentes a *realia* necessita também de informações enciclopédicas. No latim, é vasto o número de *realia*; a

título de exemplo, podemos citar os substantivos *idus*¹ (“o décimo terceiro dia do mês”), *exodoratus* (“aquele que é privado de olfato”) e o verbo *deligo* (“acabar de colher”), que não encontram correspondentes em português.

1.3 ESTRUTURA DO DICIONÁRIO BILÍNGUE

Macroestrutura, microestrutura, medioestrutura e *outside matter* são os componentes que compõem um dicionário bilíngue. A macroestrutura corresponde ao conjunto de itens lexicais listados no dicionário; a microestrutura é o conjunto de informações sobre o item lexical disposto na macroestrutura, tanto na sua condição de significante (particularidades fonológicas, morfológicas etc.) quanto de significado (equivalentes) (Selistre, 2009, s.v.). Por sua vez, a medioestrutura refere-se ao sistema de remissões, isto é, ao sistema que remete o usuário de um local para outro (Bugueño, 2003:108). Finalmente, o *outside matter*, ou material externo, apresenta todas as explicações semânticas ou gramaticais adicionais, apêndices, gravuras etc., e pode vir anteposto, interposto ou posposto ao dicionário propriamente dito.

A composição macroestrutural dos dicionários bilíngues envolve o processo de coleta de material, seleção de lemas e organização leemática.

O princípio norteador deste trabalho foi o de verificação preliminar da macroestrutura de um dicionário de latim, a fim de delinear a seleção de lemas a ser realizada na elaboração de um novo dicionário.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com o projeto de doutorado intitulado “Elaboração de um dicionário bilíngue latino-português para alunos em fase inicial de aprendizagem”, propôs-se realizar uma análise de materiais didáticos de língua latina utilizados por aprendizes iniciantes, a fim de avaliar o léxico empregado e buscar exemplos condizentes com o nível de proficiência do estudante. Nesse sentido, partimos para o levantamento da macroestrutura de um dicionário

1 O calendário latino apresentou, na sua evolução até os dias de hoje, estrutura e nomenclatura bastante particulares. Para maiores informações, consultar “História do calendário”, de Hernani Donato.

latino de uso corrente, o LatPortBas (2004), a fim de verificar a incidência de nomes próprios nesse material, bem como sua adequação ao propósito de seu autor, qual seja, o de compilar um vocabulário útil e sucinto, considerando-se as palavras mais frequentes na literatura latina. Nossa intenção é realizar uma análise qualitativa dos vocábulos lematizados para verificar quais são de fato relevantes para o aprendiz de latim. Os dicionários de uso corrente em geral apresentam, em sua macroestrutura, um excesso de vocábulos que não são significativos ao consulente, como, por exemplo, numerosos nomes próprios que apenas aparecem em textos clássicos, aos quais o aluno principiante não tem acesso. Neste trabalho, buscamos verificar se o LatPortBas (2004) também segue esse padrão. Em um momento posterior da pesquisa, verificaremos se, a partir do *corpus* constituído², será necessária a lematização de nomes próprios, seja por razões de conhecimento enciclopédico (*Iuppiter, Iuno*), seja por razões de conhecimento linguístico (*Caesarem populus laudat* – o substantivo no acusativo refere-se a Júlio César, o célebre cônsul romano).

2.1 O DICIONÁRIO BÁSICO LATINO-PORTUGUÊS DE RAULINO BUSARELLO – LATPORTBAS (2004)

Destinada para iniciantes, a obra contém 10 mil palavras, “as mais frequentes na literatura latina”, de acordo com informações extraídas de seu prefácio. Além dessas informações, há ainda no prefácio um breve histórico do latim, desde sua difusão pelo Império Romano até sua influência atual no vocabulário de numerosas línguas e em diferentes ramos do conhecimento. Há também um reforço à importância do estudo do latim, de um lado devido a “sua rica literatura que tanto influenciou a cultura ocidental, representada por Ovídio, Virgílio, Cícero, Horácio, Quintiliano entre muitos”, e de outro para “a compreensão do latim básico que subjaz à estrutura morfossintática e lexical de várias línguas românicas e modernas, como o inglês, ou que sobrevive na terminologia científica.”

A elaboração do dicionário é justificada pela escassez de obras didáticas acessíveis aos estudantes:

Além de preencher uma lacuna do mercado editorial, esta obra visa proporcionar aos estudantes e aos cultores da latinidade informações rápidas e objetivas. Sua feitura obedece às modernas técnicas

2 O *corpus* da pesquisa será delimitado a partir do vocabulário presente nos materiais didáticos de latim de uso corrente.

lexicográficas já consagradas pelos renomados léxicos europeus LANGENSCHIEDT de porte reduzido, quais sejam: um máximo de concentração útil num mínimo de espaço, em formato e tamanho práticos, próprios para o uso no dia-a-dia. (s.p.)

Por fim, segundo informações constantes no prefácio da obra, afirma-se que o autor conseguiu compilar o maior número de verbetes comuns não só nos textos clássicos de uso escolar, mas também naqueles chamados de “latim artificial.” Há o esclarecimento de que, na seleção de termos essenciais, o autor considerou a exclusão de arcaísmos, de palavras do latim vulgar, de acepções raras, de exemplos elucidativos ou mesmo de explicações extensas (s.p.).

2.2 ANÁLISE DE NOMES PRÓPRIOS NA MACROESTRUTURA

Ao utilizar o LatPortBas (2004), chama a atenção a escassez de lemas referentes a nomes próprios, diferentemente do LatEsc (1992), que apresenta um número excessivo desse tipo de vocábulo. Nesse sentido, a análise da macroestrutura restringiu-se à verificação dos nomes próprios lematizados, considerando-se que o dicionário foi elaborado com a intenção de dar conta do vocabulário empregado em textos de uso escolar.

Das 10 mil palavras dicionarizadas, verificou-se, a partir de uma contagem dos lemas do dicionário na sua íntegra, que apenas 27 são nomes próprios (dentre os quais encontram-se os meses do ano, exceto *Iulius*). São eles: *Aprilis, -is; Augustus, -i; Calendae, -arum* (ou *Kalendae*); *Caurus, -i; Centaurus, -i; December, -bris; Februarius, -i; Hymen, -inis; Ianuarius, -i; Ianus, i; Iunius, -i; Maius, -i; Mars, -tis; Martius, -i; Nonae, -arum; Novembris, -is; October, -bris; Orcus, -i; Palatium, -i; Palladium, i; Roma, -ae; Romani, -orum; September, -bris; Sibylla, -ae; Tiberis, -is; Venus, -eris*.

Excluindo-se os meses do ano, os substantivos próprios totalizam 15 e referem-se a termos do calendário romano (*Calendae* ou *Kalendae* e *Nonae*), a topônimos ou gentílicos (*Palatium, Roma, Romani, Tiberis*), a um fenômeno atmosférico (*Caurus*) e a algumas divindades ou seres mitológicos (*Centaurus, Hymen, Ianus, Mars, Orcus, Palladium, Sibylla* e *Venus*).

Considerando-se o objetivo do dicionário de compilar o maior número de verbetes comuns presentes nos textos clássicos de uso escolar, bem como naqueles chamados de “latim artificial”, além de lematizar as palavras mais frequentes na literatura latina, realizamos uma análise dos textos presentes no *Gradus Primus*, de Paulo Rónai, livro didático para principiantes de grande circulação desde meados do século passado. A finalidade era verificar se os nomes próprios presentes nos textos são contemplados pelo LatPortBras (2004), bem como se nos nomes próprios lematizados nesse dicionário são de fato aqueles com que o usuário terá contato nas suas atividades de tradução ao utilizar o livro.

O *Gradus Primus* está subdividido em 30 lições, todas elaboradas a partir da atividade de leitura de um pequeno texto. O grau de complexidade avança a cada lição, bem como os conteúdos gramaticais a serem estudados.

Nas primeiras lições, podemos verificar um grande número de nomes próprios de personagens fictícios; até a lição 10, os nomes são todos de primeira declinação (*Livia, Silvia, Lucretia, Ana, Iulia* etc.). A partir da lição 10 aparecem nomes próprios de segunda declinação (*Rufus, Lucius, Aulus*), nomes de personalidades romanas e de divindades. Os nomes de personalidades e divindades são traduzidos para o português em um glossário, mas não há nenhuma informação enciclopédica sobre esses nomes. Por exemplo, na lição 13, é mencionado o nome do poeta *Quintus Horatius Flacus*, traduzido no glossário simplesmente por Quinto Horácio Flaco, sem qualquer referência a sua obra, reconhecida como imortal pelo próprio autor³.

Além do poeta Horácio, os nomes próprios referidos no livro são *Roma, Caesar* (empregado no texto no modo acusativo: “*Aeres viri Caesarem sic salutabant*”), *Apelles, Pubilius Syrius, Iovis* (empregado no texto no acusativo *Iovem*), *Themis, Ovidius Naso, Minos, Daedalus, Icarus* e o topônimo *Creta*.

Outro livro didático utilizado no ensino de latim para principiantes é *Latina essentia: preparação ao latim*, publicado pela primeira vez pela editora da Universidade Federal de

3 Uma célebre e consagrada frase de Horácio diz: “*Exegi monumentum aere perennius*”, referindo-se à sua poesia como uma obra a ser eternizada.

Minas Gerais em 1995. Os propósitos do autor, expostos na introdução da obra, são motivar o estudo da língua desde sua estrutura básica, bem como tornar possível a compreensão da linguagem em que estão escritas “obras de inquestionável valor”. É salientado, por fim, que o livro não oferece um estudo sistematizado de latim – uma gramática *stricto sensu* -, “mas uma preparação, uma iniciação, em todos os aspectos, ao estudo dessa língua.”

Além da análise do *Gradus Primus*, fizemos também um levantamento dos nomes próprios utilizados na obra *Latina essentia* e verificamos que essa obra didática apresenta, em seus textos, um grande número desse tipo de substantivos. Alguns desses substantivos se referem a nomes genéricos como *Aemilius*, *Cornelius*, *Domitia*, *Helena*, *Lucia*, *Petrus*, *Publius* e *Silvanus*. Porém, há uma presença significativa de nomes referentes a divindades, personagens da literatura, personalidades romanas e topônimos, cuja maioria não é encontrada no LatPortBas (2004). Ao todo, são 54 nomes; são eles:

Adamus, -i; *Aegyptus*, -i; *Aesacus*, -i; *Agamemno*, -nis; *Alpheus*, -i; *Androgeus*, -i; *Asia*, ae; *Athenae*, -arum; *Attica*, -ae; *Bacchus*, -i; *Cadmus*, i; *Circa*, -ae; *Corinthus*, -i; *Creta*, -ae; *Daedalus*, -i; *Diana*, -ae; *Dionysus*, -i; *Eva*, -ae; *Eurydica*, -ae; *Fama*, ae; *Favonius*, -i; *Hesperia*, -ae; *Icarus*, -i; *Iovis*; *Iphigenia*, -ae; *Iuppiter*; *Latium*, -i; *Latona*, -ae; *Lydia*, -ae; *Mars*, *Martis*; *Menelaus*, -i; *Mercurius*, i; *Minerva*, -ae; *Minos*, -ois; *Minotaurus*, -i; *Narcisus*, -i; *Nioba*, -ae; *Nympha*, -ae; *Orestes*, -is; *Orpheus*, -i; *Phaedrus*, i; *Phoebu*, -i; *Pluto*, -onis; *Priamus*, -i; *Proserpina*, -ae; *Remus*, -i; *Roma*, -ae; *Romulus*, -i; *Scylla*, -ae; *Sicilia*, -ae; *Thebae*, -arum; *Theseus*, -i; *Ulixes*, -is; e *Venus*, -eris.

As páginas finais do livro apresentam um vocabulário em que esses nomes próprios são, na maioria das vezes, simplesmente traduzidos (por exemplo, “*Icarus*, -i (m). Ícaro”), ainda que em alguns casos haja uma breve informação (como em “*Favonius*, -i (m). Favônio (um vento)”). No entanto, alguns nomes próprios extraídos de textos latinos não constam do vocabulário. São eles: *Achiles*, *Ariadna*, *Baucis*, *Europa*, *Naxos* e *Philemon*.

Dentre os nomes próprios empregados no *Latina essentia*, constatamos que apenas dois são lematizados pelo LatPortBas: *Roma* e *Venus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada – embora sucinta e preliminar –, é possível perceber que muito ainda pode (e deve) ser feito para o aprimoramento dos materiais didáticos de latim a serem utilizados por estudantes em fase incipiente de aprendizagem da língua. Ao que tudo indica, dois dos dicionários de latim de maior circulação no meio acadêmico – o LatEsc (1992) e o LatPortBas (2004) – não dispõem, em sua macroestrutura, de um vocabulário condizente com as necessidades do usuário, às quais se configuram primordialmente a partir do que se lhes apresenta nos materiais didáticos utilizados por seus professores para o ensino. E tanto o *Gradus primus* quanto o *Latina essentia* – os livros que aqui foram analisados – são materiais de uso consagrado entre professores de latim.

Nossa análise fundamentou-se simplesmente na verificação de nomes próprios do LatPortBas (2004) e em seu confronto com o vocabulário dos referidos livros didáticos; porém, ainda que tenha sido superficial, já nos alertou para a necessidade de uma análise profunda desses e outros materiais para que se possa estabelecer *corpora* consistentes para a elaboração de um novo dicionário de latim, que esteja de fato de acordo com as necessidades de seus usuários. Quem sabe a partir de trabalhos dessa natureza possamos contribuir com o “ressurgimento” dessa língua que durante tantos séculos foi o veículo máximo de expressão da cultura de distintos povos não apenas na Europa, mas em todo o mundo ocidental.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIOS CONSULTADOS:

BUSARELLO, R. Dicionário básico latino-português. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

FARIA, E. Dicionário escolar latino português. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

OBRAS REFERIDAS:

BUGUEÑO, F. Problemas medioestruturais em um dicionário de falsos amigos. In: Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: rumos e desafios. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

BUGUEÑO F. A lexicografia de falsos amigos frente à bilíngue: desenho de um novo dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras* v.8/2 (1-19), disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/8/86.pdf>, 2007.

BUGUEÑO, F. O dicionário bilíngue como problema linguístico e lexicográfico. In: *Linguagens em interação III: estudos do léxico*. Maringá: Clichetec, 2010.

BUGUEÑO, F.; FARIAS, V. S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico, em *Cadernos de Tradução* 18, pp. 115-135.

BUGUEÑO, F.; ZANATTA, F. Procedimentos medioestruturais em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. In: *Lusorama* 83-84, pp. 80-97, 2010.

DAMIM, C. P.; BUGUENO, F. Elementos para uma escolha fundamentada de dicionários bilíngues português/inglês. *Entrelinhas (UEL)*, São Leopoldo, v.2, n.2, 2005.

HAENSCH, G. *La lexicografia. De La lingüística teórica a la lexicografia práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

KROMAN, H. P., RIIBER, T., ROSBACH, P., *Principles of Bilingual Lexicography*. In Hausmann F.J., Reichmann O., Wiegand E., Zgusta L. *Wörterbücher/ Dictionaries/Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie/An International Encyclopedia of Lexicography/Encyclopédie internationale de lexicographie*. Vol.III, Berlin-New York: De Gruyter, pp. 2711-2728, 1991.

REZENDE, A. M. *Latina Essentia – preparação ao latim*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RÓNAI, P. *Gradus primus*. São Paulo: Cultrix, 1954.

SELISTRE, I. C. T. Dicionários escolares Inglês/Português: uma proposta de definição macroestrutural a partir de textos apresentados em livros didáticos. *Simpósio Internacional de estudos de Gêneros Textuais*. Caxias do Sul, 2009.

Hilaine GREGIS

Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Latim, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Linguística Aplicada pela mesma instituição. Desde 2002, trabalha como professora do Centro Universitário La Salle, tendo também atuado em escolas de ensino fundamental e médio e em cursos de formação de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Em 2014, iniciou seu doutorado em Lexicografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.